

Neonálise e analogização na formação de Marcadores discursivos do português

Neoanalysis and analogization in the formation of
discursive markers of Portuguese

Neonálisis y analogía en la formación de
marcadores discursivos del portugués

Mariangela Rios de Oliveira

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Brasil)

Vania Rosana Mattos Sambrana

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)

RESUMO

Descrição e análise de contextos de uso, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), que levaram à convencionalização da construção marcadora discursiva formada por elemento verbal de sentido visual e elemento afixoide opcional, codificada no esquema $[V_v(X)_{af}]_{MD}$. Com base na LFCU, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010; 2015), Hilpert (2014), entre outros, em viés qualitativo, a referida construção é abordada em termos hierárquicos, a partir do *cline* esquema > subesquema > microconstrução. Para tanto, selecionam-se três *types* específicos: *olha*, *olha lá* e *olha só*, representantes, respectivamente, dos subesquemas $[V_v]_{MD}$, $[V_vLoc_{af}]_{MD}$ e $[V_vFoc_{af}]_{MD}$. Como resultado de nossa investigação, constatamos que neonálises de distinta natureza, tanto micropassos quanto analogização, concorreram, na

* Sobre as autoras ver página 43-44.



trajetória da língua, para a configuração da rede desse esquema, ampliando o paradigma dos MDs do português.

PALAVRAS-CHAVE: Neonálise; Analogização; Marcadores discursivos; Construção gramatical.

ABSTRACT

*Description and analysis of contexts of use, in terms of Dienvald and Smirnova (2012), which led to the conventionalization of the discursive marker construction formed by verbal element of visual sense and optional affixoid element, coded in the scheme $[V_v(X)_{af}]_{MD}$. Based on the LFCU, in terms of Traugott and Trousdale (2013), Bybee (2010; 2015), Hilpert (2014), among others, in qualitative bias, this construction is approached in hierarchical terms, from the cline schema > subschema > micro-construction. For this, three specific types are selected: *olha*, *olha lá* and *olha só*, representatives, respectively, of the subsystems $[V_v]_{MD}$, $[V_vLoc_{af}]_{MD}$ and $[V_vFoc_{af}]_{MD}$. As a result of our investigation, we found that neoanalysis of different nature, both micro-steps and analogization, contributed, in the language trajectory, to the configuration of the network of this scheme, expanding the paradigm of the Portuguese MDs.*

KEYWORDS: Neoanalysis; Analogization; Discursive markers; Grammatical construction.

RESUMEN

*Descripción y análisis de contextos de uso, en términos de Dienvald y Smirnova (2012), que condujeron a la convencionalización de la construcción del marcador discursivo formado por el elemento verbal de sentido visual y el elemento afíxide opcional, codificado en el esquema $[V_v(X)_{af}]_{MD}$. Basado en el LFCU, en términos de Traugott y Trousdale (2013), Bybee (2010; 2015), Hilpert (2014), entre otros, en sesgo cualitativo, esta construcción se aborda en términos jerárquicos, se aborda en términos jerárquicos, desde la trayectoria esquema > subesquema > microconstrucción. Para esto, se seleccionan tres tipos específicos: *olha*, *olha lá* y *olha só*, representantes, respectivamente, de los subsistemas $[V_v]_{MD}$, $[V_vLoc_{af}]_{MD}$ y $[V_vFoc_{af}]_{MD}$. Como resultado de nuestra investigación, descubrimos que neónálisis de diferente naturaleza, tanto de micropasos como de analogía, contribuyeron, en la trayectoria del lenguaje, a la configuración de la red de este esquema, ampliando el paradigma de los MD portugueses.*

PALABRAS-CLAVE: Neónálisis; Analogización; Marcadores discursivos; Construcción gramatical.

1 Introdução

Neste artigo, apresentamos parte dos resultados de nossas pesquisas, desenvolvidas no contexto do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF¹. Investigamos a mudança linguística que derivou na formação de uma série de novos membros da classe dos marcadores discursivos (MDs) do português

¹ Informações acerca do grupo constam no site <http://discursoegramatica.com/>.

contemporâneo, notadamente os compostos por subparte de origem verbal mais afixoide², nos termos de Booij (2010; 2013).

A partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), conforme Bybee (2010; 2015), Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, analisamos aqui um tipo específico de marcadores que têm como subparte central um verbo de sentido visual, como *olhar* ou *ver*, em esquemas como *olha aqui* e *veja lá*, por exemplo. Utilizamos como banco de dados o *Corpus do Português*³, em investigação que contempla viés qualitativo, por conta da consideração interpretativa dos fatores contextuais atinentes ao uso linguístico, conforme preconiza a orientação funcionalista clássica. Consideramos também a distinção de frequência *type* e *token* na produtividade dos dados em análise, de acordo com a proposta de Bybee (2003).

Partimos de duas hipóteses centrais. A primeira delas assume que contextos de uso mais lexical de *olhar* e *ver*, como efetivos membros da classe verbal do português, via micropassos, a partir de neonálises sucessivas, deram origem a articulações mais abstratas e ambíguas, a contextos *atípicos*, nos termos de Diewald (2002; 2006). A partir daí, novas ambiguidades, em termos estruturais, também ocorreram, configuradoras de contexto *crítico*, conforme a mesma autora. Esse *clime* contextual culmina no que Diewald (2002; 2006) nomeia de contexto de *isolamento*, em que se efetiva a mudança linguística, com a formação de um novo constituinte na gramática. Uma vez consolidada a mudança, conforme Diewald e Smirnova (2012), temos a etapa final da trajetória, com a *paradigmatização*, em que o sistema linguístico se amplia, com o ingresso de um novo constituinte em paradigma gramatical. Em termos da LFCU, podemos dizer que os micropassos contextuais equivalem a mudanças construcionais que podem levar ao estágio de isolamento, em que se efetiva a construcionalização, de acordo com Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014). Tal é o que constatamos na formação dos MDs *olha* e *veja*, por exemplo, fixados a partir de somente a base verbal.

A segunda hipótese que defendemos é que outro grupo dos MDs pesquisados, aqueles estruturados pela base de origem verbal e afixoide, como *olha lá* e *veja bem*, são motivados basicamente por analogização, ou seja, de um mecanismo metonímico de criação instantânea de novos esquemas da língua com base em estruturas já forjadas, como postulado por Fischer (2009). Nesse sentido, fundamentados em Teixeira (2015), postulamos que esse segundo conjunto de MD é criado a partir da construção formada por elemento de base verbal e locativo, identificada pela autora a partir do esquema [VLoc]_{MD}. O primeiro registro desse esquema na língua, como afirma Teixeira (2015), se dá no século XVI, com o MD *vem cá*, formado, via micropassos, a partir de contextos mais referenciais, em movimento *bottom-up*. Uma vez forjado esse pareamento, o modelo fica disponível para que outros elementos preencham os *slots* V e Loc, respectivamente, na direção *top-down*, com a fixação da subfamília por nós codificada [V_vLoc_{af}]_{MD}. Nessa mudança, observamos também micropassos

² De acordo com Booij (2010; 2013), consideramos *afixoide* uma categoria gradiente, situada no intervalo entre termos lexicais, de conteúdo mais pleno, como nomes e verbos, e termos de maior sentido procedural, de conteúdo abstrato, como afixos e desinências. Nesse sentido, a subparte periférica e opcional da construção aqui estudada é assumida como afixoide.

³ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/> Neste trabalho, usamos CP para indicar o *corpus*.

contextuais no processamento dessa construcionalização, o que nos permite considerar que a direcionalidade da mudança linguística não é linear e que pode partir de distintos mecanismos.

Consideramos também que a expansão dessa rede via analogização continua no português contemporâneo, com o preenchimento da subparte afixoide por elemento de natureza focalizadora, como *bem* ou *só*, no que Himmelmann (2004) nomeia de *expansão host-class*, com a convencionalização de outra subfamília esquemática, a $[V_v\text{FOC}_{af}]_{MD}$.

Nesse sentido, assumimos que a configuração da rede de MD do português, em termos dos esquemas aqui pesquisados, é resultante de dois mecanismos complementares: um via *bottom-up*, com a construcionalização gramatical dos *types* formados a partir de uma só base verbal de sentido fonte visual, e outra, em movimento *top-down*, por analogização a partir do esquema original $[VLoc]_{MD}$.

Este artigo se encontra dividido em três seções mais amplas. Na primeira, voltamo-nos para a apresentação de nosso objeto de pesquisa e da função maior que desempenha na língua, a marcação discursiva. Na segunda, expomos os pressupostos básicos da LFCU, vertente teórica que fundamenta as análises realizadas, com foco na abordagem construcional da gramática. Na terceira, procedemos à descrição e à análise dos dados, com destaque para os contextos de uso linguístico em que se instanciam nossos objetos de pesquisa. Finalizamos o capítulo com algumas considerações que resumem os resultados até agora obtidos e que apontam perspectivas de trabalho.

2 Objetos de pesquisa e marcação discursiva

Nossos objetos de pesquisa integram o paradigma dos MDs do português. De acordo com Heine, Kaltentböck e Kuteva (2019), consideramos que esse paradigma é formado por membros que partilham, ao menos, os seguintes traços: (a) invariabilidade estrutural; (b) independência sintática; (c) especificidade prosódica; d) relacionamento de um enunciado à situação do discurso, ao papel dos interlocutores ou aos propósitos comunicativos. A marcação discursiva, tal como é interpretada na LFCU, é considerada como estágio final de processo de crescente vinculação de sentido e forma; tal processo, iniciado via de regra em contextos sintáticos, atinge o nível pragmático da língua.

Nos moldes de Traugott e Trousdale (2013, p. 8), nosso objeto de pesquisa corresponde, sincronicamente, ao seguinte esquema geral: $[[V_{\text{visual}}(X_{af})] \leftrightarrow [\text{marca regulação da interação através da manutenção do espaço de atenção}]]$, como assumido em Sambrana (2017). Fonologicamente, essa construção não pode ser especificada, porquanto é complexa e esquemática. Suas propriedades fonológicas só podem ser descritas em níveis menos esquemáticos, como no microconstrucional.

Voltamo-nos neste capítulo para a descrição e a análise de um esquema maior do português, em função de MD, que tem como subparte nuclear um dos verbos de semântica visual – *olhar* e *ver*, codificado como V. Nessa formação, pode haver outra subparte, de nível periférico, em papel afixoide (BOOIJ, 2010; 2013), que tanto pode ser um elemento de base locativa (*aí*, *lá*) como de base

focalizadora (*só, bem*), codificado como (X)_{af}. Estamos nos referindo, portanto, à construção [V_v(X)_{af}]_{MD}, instanciada na língua em usos dialógicos como:

(1) Ve que ja não e tempo de me não crer, pois ves que o que te quero me força a crer o que em pensamento me dizes. Muitas vezes imagino que assim como pensas que não te quero, querenda-te mais que a mim, também deves pensar que me queres, tenda-me aborrecida. **Olha**, Sireno, que o tempo foi melhor contigo do que ao principio de nossos amores suspeitaste e que, ficando a minha honra a salvo, a qual te deve tudo do mundo, não heveria coisa nele que por ti não fizesse (CP, séc. XVI, 1561, Diana, Jorge de Montemor).

(2) Oh! Mas Cecília também.. Cecília! Ela dissimular, fingir.. enganar-me! Ela.. E o pobre velho quase se sufocava a chorar. - Custa-me estar a afligi-lo assim, Sr. Manuel Quintino; mas então? que se lhe há-de fazer? - continuava Antónia. - Quando há pouco me disse que a menina tinha ido jantar a casa do inglês.. **veja lá**, sabendo eu o que sabia.. veja como devia ficar. - Jenny foi quem a chamou; junto daquela nada receio por Cecília.. De todos posso vir a duvidar - quem sabe o que terei ainda de aprender? (CP, séc. XIX, Uma Família Inglesa, Júlio Dinis).

(3) Peço-lhe que faça por esquecer isso que diz sentir por mim e que não pode ter futuro. - Para me dar esse conselho, para ter direito de dar-mo, é necessário que me faça uma confissão; é necessário que me diga: Eu não posso amá-lo. - Direi: Eu não posso amá-lo, Sr. Mauricio. - E será sincera no que diz? **Veja bem**. Interrogue somente o coração. Não a amedrontem as dificuldades e as resistências que possam oferecer-nos. Eu as vencerei, arrostarei eu só com todas (CP, séc. XIX, Os Fidalgos da Casa Mourisca, Júlio Dinis).

Em (1), **olha** funciona como um novo pareamento de forma-sentido, um novo membro da classe dos MD. *Olha* não pertence mais à categoria de verbo, não requer perfilamento de complemento nem agente, mas configura-se como uma estrutura metaforicamente modificada por micropassos de mudanças, detectados, em nosso levantamento empírico, ao longo dos séculos XIII a XVI. Nessa rota, no século XVI, **olha** já tem papel metonimicamente associado a contextos de usos específicos como MD. Nessa condição, em (1), o MD atua em função discursivo-pragmática de chamamento de atenção e função textual-interativa de reforço de sentido assertivo do falante. Nos termos de Traugott e Dasher (2005), o uso de *olha* é interpretado como um apelo, uma inferência sugerida, de natureza intersubjetiva.

No fragmento (2), detectamos uso de **veja lá** sem referência ao avistamento de algum objeto no espaço em que se situam falante e ouvinte. Trata-se de sentido altamente metaforizado e formalmente vinculado, que implica, por parte do locutor, requisição da acentuação da percepção-mental do interlocutor. Em termos contextuais, *veja lá* atua como um MD em prol do chamamento de atenção para conduzir o entendimento do interlocutor.

Em (3), o papel de MD de **veja bem** marca um apelo para que o ouvinte pense, reflita e, se possível, volte atrás em sua resposta. Essa função pragmática

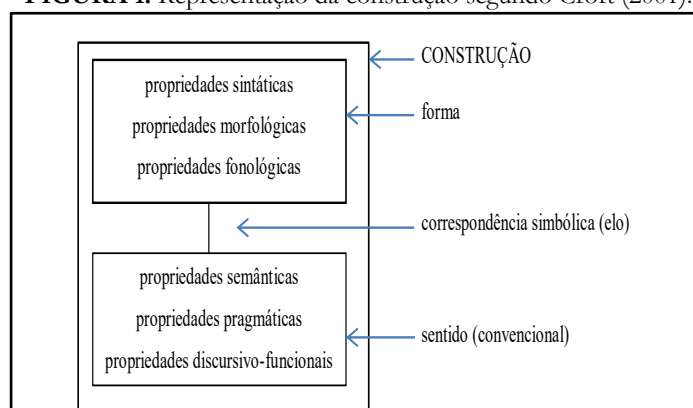
é motivada também pela marca argumentativa e intersubjetiva que impregna toda a sequência, tendo no uso do imperativo uma de suas estratégias para tal articulação de sentido.

3 Pressupostos básicos da LFCU

A LFCU advém da interface entre a linguística funcionalista clássica e uma vertente específica da linguística cognitiva, a abordagem construcional da gramática. Essas duas vertentes teóricas partem da *concepção de que os usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados com base na interface linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico* (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 54). Conforme tal postulado, consideramos que a língua é um inventário de construções. De acordo com Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), construção é um pareamento de forma-sentido, unido, simbolicamente, por convencionalização.

Considerando que construções são, fundamentalmente, unidades simbólicas, Croft (2001, p. 18) representa sua estrutura com a seguinte configuração:

FIGURA 1: Representação da construção segundo Croft (2001).



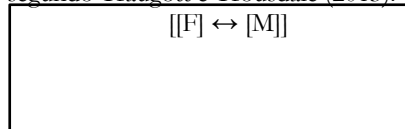
Fonte: Croft (2001, p. 18) .

Tomadas como unidades básicas da língua, as construções podem assumir diferentes tamanhos (atômicas, complexas ou intermediárias); diferentes especificidades fonológicas (substantivas ou esquemáticas); e diferentes bases conceptuais (conteudísticas ou procedurais).

Conforme a Figura 1, o polo da forma é composto por elementos de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e o polo do sentido por componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Croft (2001) postula que o pareamento forma-sentido é unido por elo de correspondência simbólica. Sendo assim, seu significado bio-sócio-cultural é construído por convencionalização de rotinas cognitivas e pressões discursivas, o que consideramos como resultado da experiência dos grupos de falantes nas trocas interativas.

Em um modelo mais simplificado da representação de construção de Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), em trabalho sobre mudança linguística em abordagem construcional, passam a representar a construção como:

FIGURA 2: Representação da construção segundo Traugott e Trousdale (2013).



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 8).

Nessa representação, “F” significa forma e contém as propriedades específicas da sintaxe; “M” significa sentido e contém as propriedades do sentido. A correspondência simbólica entre forma e sentido é representada pela seta (\leftrightarrow). Os autores, apoiados em Goldberg (2006), complementam que *a totalidade do nosso conhecimento de língua é capturada por uma rede de construções*⁴ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 8).

Sendo assim e levando em conta nossos objetos de pesquisa, tanto a construção mais geral $[V_v(X)_{af}]_{MD}$ quanto as construções mais específicas, como *olha lá, vê e veja lá*, são pareamentos simbolicamente convencionalizados de forma e sentido. A diferença entre as construções é o grau de esquematicidade, de composicionalidade e de produtividade que cada microconstrução manifesta. Na proposta dos autores, as construções são descritas a partir dos três fatores referidos. Esses fatores dimensionam características internas e externas das construções, viabilizando o entendimento da instabilidade/estabilidade da língua, uma vez que o uso é considerado como ponto de partida de toda a análise linguística. Esquematicidade, segundo Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), envolve abstração, entendida como generalização. Quanto mais geral se apresentar um padrão construcional, mais esquemática será sua caracterização representacional. A produtividade é verificada em termos de frequência *type*, que é a ocorrência do tipo de padrão específico, e de frequência *token*, que se dá pela quantificação de ocorrências de uso. No que diz respeito à composicionalidade, refere-se ao quanto do sentido da construção depende da correspondência entre suas subpartes.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), as construções, como parte do conhecimento do falante, são organizadas em forma de generalizações que englobam vários níveis de virtualidade representacional. Voltamos, assim, ao fator de esquematicidade, que, adequando ao nosso objeto, se organiza como:

- Esquema – nível mais abstrato de generalização, que abrange um ponto de aglomeração de toda uma categoria em uma rede, como a $[V_v(X)_{af}]_{MD}$;
- Subesquema – nível intermediário de generalização, podendo admitir vários subníveis, como as subfamílias: $[V_v]_{MD}$, $[V_vLoc]_{af}]_{MD}$ e $[V_vFoc]_{af}]_{MD}$;

⁴ “the totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions [...]” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 8). Tradução nossa.

- Microconstrução – são construções do tipo individual, licenciadas diretamente pelo uso linguístico, por essa razão compõem o nível menos abstrato, como os *types* específicos: **olha, veja lá e veja bem**.

O modelo de organização das construções em rede é um conceito caro para a LFCU. Tal concepção permite organizar os padrões gramaticais e seus componentes em relação aos exemplares prototípicos, que são mais centrais, e aos considerados não prototípicos, aqueles que se afastam do centro da categoria à medida que nuances de outras categorias margeiam sua categorização. As construções estão interligadas por uma rede de associações de múltiplas características não conflitantes.

Nossa principal vertente, que justifica a convencionalização das formas linguísticas, é a teoria da mudança linguística de Traugott e Trousdale (2013). A proposta dos autores prevê dois tipos de mudanças: a mudança construcional e a construcionalização. Nas palavras dos autores, podemos entendê-las:

- Construcionalização – é a “mudança que resulta em pareamentos de nova forma e novo sentido depois de uma série de micropassos de mudança construcional” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 44);
- Mudança construcional – é uma “mudança que afeta uma dimensão interna da construção. Não envolve a criação de um novo nó” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26).

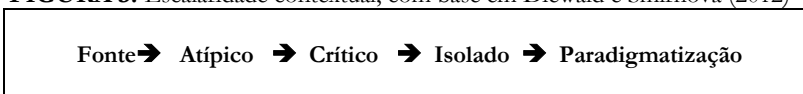
O tipo de mudança que nos interessa é a construcionalização do tipo gramatical, que gera elementos que desempenham funções procedurais. Construcionalização se efetiva quando a língua, através da regulação de seus padrões, cria um novo signo linguístico, um novo pareamento de forma e sentido. Como defendido por Traugott e Trousdale (2013), processos como gramaticalização⁵, neoanálise e analogização estão na base da mudança linguística.

Apoiados em Traugott e Trousdale (2013), Fisher (2009) e Bybee (2010), tomamos como neoanálise os novos usos linguísticos que, por sucessivos passos de mudança, levam à construcionalização, constituindo-se em novos pareamentos. Já a analogização, tomada como um tipo específico de neoanálise, envolve reconfiguração de traços ou dimensões internas da construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) via produtividade do esquema ou parte dele. Conforme apontam os resultados de nossas análises, na mudança linguística, tanto neoanálise quanto analogização podem funcionar no mesmo processo de mudança. Em outros termos, a construcionalização não é linear nem unidirecional, ela resulta da convergência de rotas por vezes distintas, que acabam por convergir e conduzir à reconfiguração da rede construcional, reordenando e ampliando os paradigmas gramaticais.

⁵ Gramaticalização é um fenômeno de mudança linguística entendida como a trajetória de categorias lexicais a gramaticais (MEILLET, 1948) ou a trajetória de categorias menos gramaticais para mais gramaticais (KURYLOWICZ, 1965).

Em termos teóricos, na consideração das motivações discursivo-pragmáticas emanadas dos contextos de uso linguístico que resultam em mudança, nos apoiamos em Diewald (2002, 2006) e em Diewald e Smirnova (2012). As autoras propõem uma taxonomia contextual, a seguir especificada, que tem estreita relação com o que Traugott e Trousdale (2013) consideram como micropassos de mudança:

FIGURA 3: Escalaridade contextual, com base em Diewald e Smirnova (2012)



Fonte: Autoria própria

Conforme ilustra a Figura 3, as construções instanciadas em contextos de uso mais pleno e lexical estão no estágio *fonte* de um *cline* contextual. Em seguida, devido ao recrutamento para sentidos mais abstratizados e indexados motivado por implicaturas pragmáticas, ocorre o contexto *atípico*. Na sequência a tais usos de sentido polissêmico que se estabelecem, ocorrem usos que deflagram incompatibilidade entre semântica e estrutura, tornando a ambiguidade maior, incluindo conteúdo e forma, no que as autoras nomeiam contexto *crítico*. Tais usos se isolam e ganham reconfiguração de forma e sentido, dando origem ao quarto estágio – o contexto *isolado*. O contexto isolado significa que, conforme a rotinização desse uso aumenta e se especializa na nova função, uma nova construção se convencionaliza na língua, distinguindo-se e isolando-se da fonte inicial. O resultado seguinte, como proposto por Diewald e Smirnova (2012), é a *paradigmatização*, ou seja, a inserção do novo item no paradigma linguístico, o ingresso desse item numa categoria da gramática, passando a competir com os demais da categoria por instanciar o uso, tal como ocorre com ***olha, veja lá*** e ***veja bem***, nos fragmentos (1), (2) e (3), apresentados anteriormente. A partir da Figura 3, podemos relacionar os contextos atípicos e críticos ao que Traugott e Trousdale (2013) classificam como mudanças construcionais, como alterações, ao nível da forma ou da função, que não criam um novo esquema na rede; já o estágio de isolamento, por conta da convencionalização simbólica que o marca, é tomado como construcionalização.

Os contextos de uso e sua escalaridade estão a serviço das estratégias interacionais no uso linguístico. Dois dos principais mecanismos que marcam o grau de interação entre falante e ouvinte são a subjetividade e a intersubjetividade (conf. TRAUGOTT; DASHER, 2005). Esses autores consideram que a subjetividade envolve a expressão de si e a representação da perspectiva do falante ou seu ponto de vista no discurso (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Assim, a subjetividade é uma perspectiva pessoal do posicionamento do falante diante do ouvinte e diante do seu próprio discurso. Já intersubjetividade é assumida como uma expressão explícita e codificada da atenção do falante para a imagem ou autoimagem do destinatário/ouvinte (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Novamente retomando os constituintes destacados em (1), (2) e (3), observamos que são instanciados em contextos marcados por alto grau de intersubjetividade, em sequências dialógicas nas quais os interlocutores

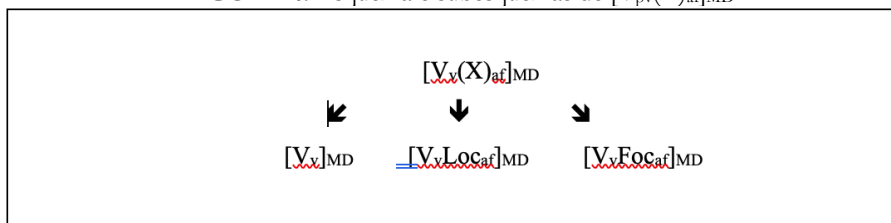
interpelam-se uns aos outros, no convite a partilharem pontos de vista, crenças e opiniões.

4 Análise dos dados

Passamos a analisar, nesta seção, dados tomados como representantes da trajetória de convencionalização dos marcadores discursivos do esquema $[V_v(X)_{af}]_{MD}$, a partir das microconstruções *olha*, *olha lá* e *olha só*. Assumimos a hipótese, já declara aqui, de que a construcionalização gramatical de *olha*, *olha lá* e *olha só*, bem como dos demais marcadores de base verbal visual, é motivada por mecanismos de neanálise e analogização (conf. FISHER, 2009; BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

Destacamos que consideramos o marcador discursivo *olha* como resultado de construcionalização gramatical gerado por mecanismo de neanálise, enquanto os marcadores discursivos *olha lá* e *olha só* são consequentes de construcionalização gramatical motivada por mecanismo de neanálise via analogização. Entretanto, na formação de *olha só*, ocorre neanálise mais complexa. Dessa forma, a segunda subparte de $[V_{Loc}]_{md}$, preenchida anteriormente por afixoide locativo *lá*, como demonstra Teixeira (2015), ganha valor semântico de focalização e passa a ser preenchido pelos elementos *só* ou *bem*. Assim, passamos a representar essa segunda subparte como “Foc”. Temos, portanto, três subesquemas vinculados aos esquema de mais alto nível $[V_v(X)_{af}]_{MD}$, tal como representado na Figura 4:

FIGURA 4: Esquema e subesquemas de $[V_{pv}(X)_{af}]_{MD}$



Fonte: Autoria própria

Conforme demonstrado na Figura 4, a construção MD mais esquemática é $[V_v(X)_{af}]_{MD}$, que se distribui em três subesquemas: um integrado somente pelo verbo de semântica visual (como *olha*), outro preenchido também por afixoide locativo (como *olha lá*) e um terceiro por afixoide focalizador (como *olha só*).

Assumimos, em termos construcionais, que na construcionalização gramatical de tais marcadores ocorre aumento de esquematicidade, diminuição de composicionalidade e a alta produtividade. Seguindo Bybee (2003), consideramos a frequência como um efeito quantitativo que impacta na geração de novos usos. Como efeito *bottom-up*, a rotinização dos usos convencionaliza os novos pareamentos e, assim, a língua emerge (HOPPER, 1987). Vejamos os contextos de uso nos quais nos apoiamos para detectar os estágios de mudança, ordenados e comentados segundo a taxonomia ilustrada na Figura 3:

(4) Aqui há as áureas aves, que não decem Nunca à terra e só mortas aparecem. "**Olha de Banda as Ilhas**, que se esmaltam Da vária cor que pinta o roxo fruto; Às aves variadas, que ali saltam, Da verde noz tomando seu tributo. **Olha também Bornéu**, onde não faltam Lágrimas no licor coalhado e enxuto Das árvores, que cânfora é chamado, Com que da Ilha o nome é celebrado. "Ali também Timor, que o lenho manda Sândalo, salutífero e cheiroso; **Olha a Sunda**, tão larga que ùa banda Esconde pera o Sul dificultoso; A gente do Sertão, que as terras anda, Um rio diz que tem miraculoso, (CP, séc. XVI, Obras, Camões).

Por intermédio do fragmento (4), integrante de texto literário do século XVI, ilustramos três usos de *olha* em que detectamos apenas distinções semânticas geradas pelo efeito de sentidos polissêmicos. Os três exemplos apontados ocorrem em cláusulas instanciadas por construção transitiva. Em *Olha de Banda as Ilhas*, temos um uso pleno e prototípico do verbo *olhar* com sentido de *enxergar*, perfilado pela presença do objeto *as ilhas*. Exemplar de contexto fonte (DIEWALD, 2002; 2006), essa sequência, marcada pelo imperativo, projeta uma ação física do ouvinte sobre elementos concretos *fruto e aves*.

Já em *Olha também Bornéu e Olha a Sunda*, também no fragmento (4), podemos considerar o termo destacado como uso de sentido polissêmico, como *repara*, motivado pelo objetivo sociocomunicativo do falante. Essas duas ocorrências apresentam um tipo de contexto com sentido mais afastado do original, o chamado contexto atípico, nos termos da referida autora. Na busca pela maior expressividade e pela tomada da atenção do ouvinte, o sentido de *pôr a vista em algo*, veiculado por *olha*, é recrutado para dirigir não somente os olhos do ouvinte, mas sua atenção para as informações que se seguem. Após essas duas cláusulas transitivas, o falante introduz sequências descritivas que sugerem implicaturas de valor avaliativo, aquelas que dependem do seu ponto de vista. Podemos apontar que, na interação ilustrada em (4), o foco da negociação não são os elementos visuais, mas as propostas de opiniões/crenças expostas pelo falante.

(5) Milagres são que as fermosas fazem a que se não pode dar razão. Em pago de me pesar do teu mal, queres ser *£a*U^a do meu. Mais pesa a seu aio, e mais pesara a seu pai quando o souber: **Olha que ainda se pode remediar tudo**. Não a bolsa, que trouvemos que arqueja, e tira quanto pode polo folego: Disseram-me de tua parte que não querias mais que este meu d' esengano; ai o tens. Que fara agora Amente senão ir-se deitar naquele mar assi desenganado? (CP, séc. XVI, 1528, Estrangeiros, Sá de Miranda).

No fragmento (5), observamos que ocorre pressão cognitiva com o intuito de manipular a atenção do ouvinte. Em contexto fonte, como o que apresentamos em (4), na primeira ocorrência de *olha*, a tentativa de manipular a atenção do ouvinte tem como escopo toda a construção transitiva. Em (5), tal manipulação parte da estrutura *olha que*. Consideramos esse uso de *olha* como mais difuso em relação a suas propriedades semântico-sintáticas prototípicas, uma vez que seu sentido, já metaforizado para processo mental, se traduz como

estar atento. A segunda parte desse período, *ainda se pode remediar tudo*, traz um aconselhamento/aviso/avaliação do falante. Assim, o contexto torna-se intersubjetivo, uma vez que o ouvinte é conduzido pelo falante. Nos termos de Traugott (2018), há um apagamento do complemento do verbo visual *olha*, que, por sua vez, já é veiculado como perceptivo-mental. A inferência de teor avaliativo é diretamente exposta na sequência que faz contraparte da cláusula transitiva. Assim, a declaração *que ainda se pode remediar tudo* não se caracteriza como um complemento verbal efetivo e, por conseguinte, não é objeto concreto do olhar do ouvinte. Dessa forma, consideramos que há aí mudança construcional, na transição de domínio sintático para domínio discursivo.

Essa transição é decorrente da metonimização e da metaforização articuladas. Em nossos dados, verificamos produtividade da estrutura *olha que* seguida de sequência com valor avaliativo, como articulada em (5). Interpretamos tal estrutura como um dos micropassos da construcionalização $[V_v(X)_{af}]_{MD}$ e caracterizamos esse tipo de contexto, em acordo com Diewald (2002, 2006), como crítico. Ainda com relação a usos como o destacado em (5), levamos em conta as observações de Barreto (1999). A autora destaca, em pesquisa diacrônica, o papel da conjunção *que* como partícula multifuncional e polissêmica, devido à recorrência com que é recrutada na interação. Assim como a autora, observamos que, no português arcaico, esse uso de *que* com valor semântico explicativo tem sentido de *porque* e traz ao contexto uma marca pontual de justificativa na condução da atenção. De acordo com Barreto (1999), esse uso persiste nos séculos XVI e XVII.

(6) assim estes e aqueles, como comediantes, cada qual em seus trajes naturais, se recolham a sua casa própria, que vem a ser a sepultura, donde I cada qual vai entao só com o cabedal que lhe deu a natureza, despindo os faustos e as tramóias com que, para representarem suas figuras, os adornou a ambição ou a soberba. **Olha:** no cabo do ano, ditos e mofinos, todos ficam iguais. Para todos houve verao e inverno, frio e calma; e assim ou assim, jantar e cea (CP, séc. XVII, 1608-1666, Apólogos dialogais, Francisco M. de Melo).

No fragmento (6), representativo do século XVII do português, *olha* já atua como MD, em contexto isolado, nos termos de Diewald (2002; 2006), apresentando autonomia sintática em relação ao período em que ocorre. Observamos fronteira demarcatória, sob forma de pausa, identificada pela presença dos dois-pontos. Constatamos o uso de *olha* como apoio discursivo, na medida em que a sequência argumentativa subsequente à sua instanciação assume sentido mais assertivo. Assim articulado, *olha* marca comprometimento do falante com a informação transmitida. Observamos, ainda, que seu recrutamento cumpre função textual-interativa de valor conclusivo, apoiando o adjunto adverbial temporal *no cabo do ano*, que introduz o argumento final. Cria-se, assim, um tipo de monitoramento da interação, com vista ao cumprimento de funções sociocomunicativas. Nessa configuração, a interação torna-se palco para a negociação de sentidos intersubjetivos. Decorrente de vários micropassos de mudança, o elemento destacado em (6) evidencia a construcionalização $[V_v]_{MD}$, que passa a constituir um subesquema do esquema mais alto $[V_v(X)_{af}]_{MD}$.

Vejam agora um dado ilustrativo da estrutura *olha lá* em contexto do século XVI:

(7) Vê que do lago donde se derrama O Nilo, também vindo está Cuama. Olha as casas dos negros, como estão Sem portas, confiados, em seus ninhos, Na justiça real e defesa E na fidelidade dos vizinhos; Olha deles a bruta multidão, Qual bando espesso e negro de estorninhos, Combaterá em Sofala a fortaleza, Que defenderá Nhaia com destreza. **Olha lá as alagoas donde o Nilo Nace**, que não souberam os antigos; Vê-lo rega, gerando o crocodilo, Os povos Abassis, de Crista amigos; Olha como sem muros (novo estilo) Se defendem melhor dos inimigos; Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama, Que ora dos naturais Nobá se chama (CP, séc. XVI, Obras, Camões).

No fragmento (7), observamos o uso de *olha* e *lá* composicionalmente plenos, isto é, sendo utilizados com seus respectivos sentidos originais. Considerado fonte (DIEWALD, 2002, 2006), esse contexto é prototípico do uso de *olhar* como verbo transitivo. Como marca dessa transitividade, temos o recrutamento do objeto *lagoas* e, como reforço circunstancial à informação que se segue, o adverbio locativo *lá*, funcionando como dêitico. Dessa forma, o esquema original [SVO], construção a partir da qual se instanciam as cláusulas transitivas na interação, é mantido com suas características centrais.

Essa manutenção de traços prototípicos transitivos já não é tão evidente no fragmento a seguir:

(8) Aquela família, que tivera o seu gadinho, as suas bestinhas, e hoje a correr mundo com o lar às costas, como ciganos, lhe reaparecia, porém, com as correções de personagens de contos vazados pelo buril da frase meditada. A sua primeira ideia foi convidá-los para permanecerem no Poço da Moita até quando quisessem. Era isto um sentimento de tributo que entendia prestar à sua província, conquanto os retirantes não fossem pernambucanos. E o fez. No dia seguinte, **olha lá implicâncias da Margarida!** Mas os senhores do Poço da Moita não batiam boca em suas terras. A senhora manifestava-se por atos, por gestos, e sobretudo por um certo silêncio, que amargava, que esfolava. Porém desmoralizar escancaradamente ao marido, não era com ela. Disse-lhe apenas: - Vossa Senhoria quererá construir aqui uma cidade com gente da sua terra? - Oh, Guidinha! Aquilo são gentes muito boas, o Antônio e a mulher. Aposto que em oito dias ficará mais amiga deles (CP, séc. XIX, Dona Guidinha do Poço, Manoel Paiva).

Em (8), constatamos uma construção transitiva em *olha lá implicâncias da Margarida!*. Usos polissêmicos de *olha* e *lá* concorrem para o afastamento do sentido fonte destes constituintes. Ainda podemos considerar que o *olha* aponta para um objeto, embora esse objeto seja fruto da avaliação do espectador/falante. Em (8), *olha* é usado com sentido de *repara*. Já o uso de *lá* não é dêitico espacial, tornando-se mais abstrato, apoiado nas inferências negociadas na interação. Esse tipo de contexto, em que se evidencia uma mudança apenas semântica com implicaturas contextuais, classificamos como atípico e o consideramos exemplo de mudança construcional.

Captamos, em nosso *corpus*, outros contextos atípicos em que *olha* e *lá* se encontram mais vinculados devido à metaforização, tais como:

(9) - Mas já falaste com o Sr. Jorge a esse respeito? - Não, nem preciso.
 - Pois devias falar. É um rapaz ajuizado e que põe as coisas no seu lugar. - O que ele me vinha dizer sei eu, e por isso é que não desejo falar-lhe, porque não quero que me tire isto da cabeça, nem quero brigar com ele. Mas os rapazes já estão à minha espera. Vamos lá. Dá cá as chaves, ouviste? - Tomé, Tomé! **Olha lá o que fazes!** Eu não sei... - Pois por isso; se não sabes, deixa-me cá. Basta-me a chave grande. Eu hoje não passo da quinta. E pegando na chave, que a mulher lhe deu a medo, o lavrador saiu à frente dos três criados, em direcção à Casa Mourisca (CP, séc. XIX, Os Fidalgos da Casa Mourisca, Júlio Dinis).

Conforme Diewald (2002, 2006), em (9), podemos apontar o uso de *olha lá* como contexto atípico. Observamos que ocorre somente mudança semântica, caracterizada pelo uso de *olha* com sentido polissêmico de *reparar* ou *atentar*. Em relação a *lá*, este se afasta de função prototípica de locativo dêitico, assumindo sentido metaforizado de projeção, que aponta para um provável espaço situacional no futuro. Consideramos *o que fazes* como um objeto oracional que ainda preenche o *slot* do complemento verbal, por isso a construção transitiva não perde a estrutura original, e apenas as restrições dos papéis sintático-semânticos se afrouxam.

(10) Eu não me casei para que tu me andes a ganhar indulgências na igreja, mulher... Isto são preparos, mulher... Um homem chega a casa e acha o caldo por fazer, porque a senhora sua esposa deu em ouvir nove missas por dia e uma dúzia de novenas! - Cala-te, cala-te - retorquiu azedamente a devota metade do Zé P'reira, - cala-te para aí, desalmado. Excomungado seja o mafarrico, que assim me quer atentar logo que entro em casa! **Olha lá que não morresses de fome!** Estás mal acostumado. Louvado seja Deus! Já não há quem queira sofrer neste mundo mortificações! Cuidas que não tens de sofrer as do Purgatório? E Deus nos queira dar só o Purgatório e livrar-nos das penas do Inferno. Que muito mal fazemos por Lhe merecer misericórdia! (CP, séc. XIX, A Morgadinha dos Canaviais, Júlio Dinis).

No fragmento (10), *olha* e *lá* se encontram mais vinculados, ambos os constituintes se aproximam em prol de sentido mais específico e abstratizado. Pela diminuição da composicionalidade de *olha lá*, o ouvinte interpreta essa maior vinculação como uma inferência sugerida, uma repreensão/aviso. Os elementos assim mais vinculados atuam como um aviso, uma forma de chamada de mais atenção. Com base em Traugott (2018), podemos dizer que *que não morresse de fome* funciona como uma sugestão do falante do que poderia acontecer com o ouvinte. Novamente, detectamos a ocorrência do arranjo *olha lá que + sequência de valor avaliativa do falante* para a composição do contexto crítico. Concordando com

Barreto (1999), consideramos o elemento interveniente *que* de valor semântico equivalente a conjunção explicativa⁶ *porque*.

(11) - Bem. Vamos pôr isso em pratos limpos. Ah! Eu bem suspeitava que havia falcatra... Todos os dias uma queixa. Furtinho para aqui, gatunagem para acolá... Cambada que é a vergonha da farda... Corja de ordinários... Depois, pondo à cinta uma garrucha, ordenou aos soldados: - Vamos! Acompanhem-me com estes dois homens: desarmem a essas coisas ruins. À aproximação dos camaradas, Crapiúna recuou, e levou imediatamente a mão ao sabre, mas, o sargento lho arrebatou com um movimento rápido, com um movimento enérgico. - **Olha lá**... Não se engrace comigo, seu Crapiúna... - observou ele. - Vamos e muito direitinho... Comigo não se brinca, vocês sabem... Partiram em escolta, acompanhados por magotes de pessoas, no trajeto pela rua. Chegando ao quarto de Teresinha, Carneviva ordenou que se afastassem, e entrou com os soldados ficando à porta uma sentinela (CP, séc. XIX, 1878, Luzia-Homem, Domingos Olímpio).

Em (11), observamos que *olha lá* apresenta autonomia estrutural em relação à sequência em que se instancia e forte vinculação semântico-sintática, configurando-se como um *chunking*, nos termos de Bybee (2010; 2015). Trata-se de dado ilustrativo de contexto isolado, em que se constata nova convencionalização linguística, a construcionalização [V_vLoc_a]MD. Como membro da classe dos MDs, *olha lá* partilha traços desse paradigma, uma vez que, conforme preconizam Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), apresenta: (a) invariabilidade estrutural; (b) independência sintática; (c) especificidade prosódica; d) relacionamento de um enunciado à situação do discurso, ao papel dos interlocutores ou aos propósitos comunicativos. Nesse uso como MD, *olha lá* assume valor pragmático de repreensão e reforça a articulação de sentido contida na sequência injuntiva *não se engrace comigo*. Outro elemento que concorre para a repreensão iniciada pelo marcador é o vocativo de valor pejorativo *seu Capriúna*.

Como o fragmento (11) nos mostra, em contextos isolados, a partir do século XIX, *olha lá* assume funções mais procedurais, de cunho discursivo-pragmático. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), afirmamos que houve neonálise, uma vez que surge a microconstrução *olha lá* após micropassos de mudanças. Entretanto, não atestamos o surgimento de um novo esquema construcional, mas a criação de uma subfamília desse esquema. De fato, o padrão construcional formado por elemento de base verbal mais afixoide locativo, codificado inicialmente por Teixeira (2015) como [VLoc]_{md}, fazia parte do repertório dos falantes, porquanto outros marcadores, anteriores à *olha lá*, já estavam à disposição no léxico da língua portuguesa. Como levantado pela

⁶ Neste texto, não discutimos o grau de integração entre termos oracionais. Em concordância com Bechara (2015, p. 496), consideramos esses usos da conjunção *que* equivalentes às unidades transfrásticas, cujas funções são mais direcionadas à construção da semântica textual.

referida autora, *olha lá*, seguindo a mesma trajetória de construcionalização de *vem cá*, atraído pelo esquema mais virtual formado, migra da construção transitiva para o rol dos marcadores discursivos. Por essa razão, defendemos que o processo de construcionalização de *olha lá* dá-se por neoanálise via analogização.

Com relação ao MD *olha só*, o que constatamos é que se trata de construcionalização gramatical via analogização também, na base do esquema inicial [VLoc]_{md}, já convencionalizado no português desde o século XVI, como atestado em Teixeira (2015). Esse *type* específico, uma vez fixado, em movimento *bottom-up*, fornece o esquema a partir do qual se convencionalizam uma série de novos MDs no paradigma gramatical do português. Assim, o recente MD *olha só* constitui um tipo de neoanálise analógica, em que, o *slot* Loc se generaliza mais ainda, admitindo seu preenchimento por afixoide focalizador. Trata-se, nos termos de Himmelmann (2004), de expansão *host-class*, com ganho de esquematização e maior produtividade da rede assim configurada. O fato de somente levantarmos contextos isolados a partir do século XX reforça a hipótese de que se trata de construcionalização mais recente na língua. O fragmento a seguir ilustra nosso comentário:

(12) EVERALDO: Jacob, você tem experiência em casa, sabe da dificuldade do fotógrafo, você cresceu com o seu pai tendo essa dificuldade toda. Explica o seguinte: na sua opinião, por que as pessoas insistem em trabalhar neste ramo do Jornalismo? Existe alguma explicação pra isto? JACOB FILHO: Bom... **olha só**. É uma profissão bonita. Quer dizer.. eu até.. eu dei uma entrevista.. se eu pensasse, se eu tivesse vinte anos, talvez não entrasse pra essa profissão não, tinha seguido uma outra profissão. Mas é uma profissão bonita, você amadurece rápido, você tem acesso a informações que você não teria. Ou seja, você vê o governador falar em off que, porra, ele é um canalha mesmo, (CP, séc. XX, entrevista web, Alberto Jacob Filho).

Em (12), o usuário instancia o MD *olha só* como um anúncio de sua fala, uma chamada para o início da exposição de sua opinião. Além do papel de organizar e dar foco ao discurso, o MD *olha só* marca assertividade aos sentidos negociados. Segundo Ilari (2002), em uma operação de focalização há uma estratégia que resulta em *separar na sequência um fundo e uma figura* (ILARI, 2002, p. 183). Nesse fragmento, o ouvinte interpreta o uso do MD *olha só* como uma estratégia para focalizar o próprio ato de expressar opinião. O uso do MD *olha só* articula a inferência *agora eu vou falar*, o que é sustentado pelas sequências expositivas que se seguem, ancoradas pelo uso da primeira pessoa do singular. O gênero entrevista, contexto discursivo em que se insere (12), também motiva essa função de chamada de atenção para introduzir o discurso.

5 Considerações finais

Ao longo desse texto, demonstramos, via análise de natureza qualitativa, com base em dados do português de distintas sincronias da língua, como pressões de natureza contextual concorrem para moldar os micropassos da mudança linguística. Observamos mudanças construcionais, via escalaridade contextual,

que levam à convencionalização de pareamentos de forma e sentido, no caso, o esquema $[V_v(X)_{af}]_{MD}$.

Nossos resultados conduzem à constatação de que essa rede de MD é configurada no português contemporâneo a partir de neoanálises distintas, algumas envolvendo analogização. Assim, estruturam-se na língua três subesquemas da construção maior, via mecanismos diversos, na demonstração da direcionalidade diversa da mudança linguística, distinta da clássica trajetória unidirecional, como destacam Traugott e Trousdale (2013).

A primeira das subfamílias é formada somente pelo verbo visual, codificada como $[V_v]_{MD}$; trata-se de uma construcionalização gramatical *bottom-up*, via micropassos contextuais, documentada em nossos *corpora* a partir do século XVII. A segunda subfamília é caracterizada pela presença adicional de subparte afixoide de natureza locativa, na configuração $[V_vLoc_{af}]_{MD}$. Essa convencionalização surge a partir do século XIX e é motivada por duas neoanálises distintas: uma via micropassos contextuais, captados na trajetória da língua (*bottom-up*) e outra de base analógica (*top-down*). A terceira subfamília tem histórico mais recente na língua, captada no século XX, e sua origem é eminentemente analógica (*top-down*), uma vez que, ao invés de haver o preenchimento do *slot* opcional X por afixoide de sentido locativo, é recrutado afixoide focalizador – *bem* ou *só*, na fixação do subesquema $[V_vFoc_{af}]_{MD}$.

Nossas investigações têm demonstrado que a mudança linguística, na perspectiva da LFCU, resulta de mecanismos distintos. Um desses mecanismos refere-se a pressões de natureza discursivo-pragmática, atestadas na aplicabilidade da taxonomia contextual de Diewald (2002; 2006), por intermédio da detecção de contextos atípicos e críticos, deflagradores da construcionalização em micropassos. Outro mecanismo é a neoanálise por analogização, por intermédio da qual novos pareamentos são convencionalizados a partir de modelos esquemáticos já disponíveis na rede linguística.

A pesquisa que empreendemos permite também constatar, conforme Diewald e Smirnova (2012) destacam, que, uma vez fixados na gramática, nossos objetos de pesquisa concorrem para a ampliação paradigmática, dado que passam a integrar a classe dos MDs do português. Aí inseridos, na incorporação de propriedades funcionais dessa categoria, esses constituintes competem pela instanciação no uso linguístico. A opção de seu recrutamento ou não nas interações depende, em última instância, como advogam os estudos de natureza funcionalista, da elaboração dos arranjos textual-interativos, das condições pragmático-discursivas em jogo, dos propósitos comunicativos dos interlocutores, entre outros.

AGRADECIMENTOS: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Therezinha M^a. Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosa Virgínia Mattos e Silva.

1999. 508 f. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BOOIJ, G. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Morphology in construction grammar. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). **The oxford handbook of construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 255-273.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B.; JANDA, R. (orgs.). **A handbook of historical linguistics**. Blackweel, 2003.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. *In*: Special volume 1: **Constructions all over** – case studies and theoretical implications. Dusseldorf, 2006. Disponível em: www.constructions-online.de:009-4-6860. Acesso em: 10 de mar. 2019.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K. *et al* (eds). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 111-131.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? **Vienna English Working Papers**, vol. 18, n. 2, p. 3-23. 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. On the rise of discourse markers. **Researchgate**. Preprint, june, 2019, DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 de jun. 2019.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, HIMMELMANN & WIEMER (eds.). **What makes grammaticalization?** A look from its fringes and its components. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.21-42.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *In*: ASKE, J. et al. **Berkeley linguistics society 13: General session and parasession on grammar and cognition**. Berkeley, CA: BLS, 1987, p. 139-157.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. *In*: _____. **Gramática do português falado**. 4. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, v. II, 2002, p. 181-198.

KURYLOWICZ, J. L'Évolution des Catégories Grammaticales. *In*: _____. **Problèmes du Langage**. Paris: Gallimard, 1965, p.55-71.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].

SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. **Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional**. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariangela Rios de Oliveira. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso**. 297fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C. Rethinking the role of invited inferencing in change from the perspective of interactional texts. *In*: EHMER, O.; MALTE, R. **Interaction and language change**. New York: Mouton of Gruyter, 2018. p. 19-34.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

*Recebido em 08 de janeiro de 2020.
Aprovado em 26 de fevereiro de 2020.
Publicado em 30 de abril de 2020.*

SOBRE OS AUTORES

Mariangela Rios de Oliveira é doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ, com pós-doutorado na Universidade Aberta (Lisboa).

Professora titular de Língua Portuguesa da UFF, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/ Faculdade de Formação de Professores, a partir de 2019. Pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, funcionalismo, construcionalização lexical e gramatical, morfossintaxe e advérbios.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com

Vania Rosana Mattos Sambranna é mestre em Estudos de Linguagem, subárea Linguística. Doutoranda (2017-2021) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense - UFF. Docente efetivo da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, atuando em ensino de língua portuguesa (nível fundamental e médio). Membro do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (D&G/UFF/RJ). Área de interesse: a constituição da morfossintaxe do português em correlação com fatores discursivo-pragmáticos, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

E-mail: v_rosana@oi.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0593-4262>